

## A estrutura narrativa das *Pós-Homéricas* de Quinto de Esmirna

Erika Mayara Pasqual\*

**Resumo:** Quinto de Esmirna é um representante da poesia épica do Período Imperial (entre os séculos III e IV d.C.) que compôs um extenso poema intitulado *Pós-Homéricas*, o qual se incorpora ao legado literário a respeito da história da guerra troiana. Diante disso, o presente artigo pretende apresentar de que modo as *Pós-Homéricas* estruturam sua narrativa, tendo como principal modelo as obras homéricas, e indagar qual seria a intenção poética de Quinto ao compor sua epopeia, a fim de constituir um texto que difere daqueles que influenciaram na sua composição ao mesmo tempo em que se insere na tradição épica.

**Palavras-chave:** Quinto de Esmirna. *Pós-Homéricas*. Épica. Estrutura Narrativa. Período Imperial.

### The narrative structure of Quintus Smyrnaeus' *Posthomerica*

**Abstract:** Quintus Smyrnaeus is a representative of the epic poetry of the Empire Period (between the III and IV centuries A.D.), who composed a long poem entitled *Posthomerica*, which is part of the literary legacy of the Trojan War myth. Taking this into consideration, this article intends to introduce how the *Posthomerica* presents its narrative structure, having as main model the works by Homer. In addition, I also intend to inquire what might be Quintus' poetic intention when composing his epic poem, developing a text that differs from those that influenced its composition and is, at the same time, inserted into epic tradition.

**Keywords:** Quintus of Smyrnaeus. *Posthomerica*. Epic. Narrative Structure. Empire Period.

---

\* Graduada em Letras (habilitação em Português e Grego Antigo) pela Universidade de São Paulo (USP) 2015. Mestranda em grego na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, pesquisando sobre Quinto de Esmirna. E-mail: erikapasqual@hotmail.com

## Introdução

Os testemunhos a respeito da biografia de Quinto de Esmirna são escassos e tardios, tendo como referência mais antiga preservada as citações feitas por Eustácio de Tessalônica (1110-1198 d.C.) e João Tzetzes (1110-1180 d.C.), os quais apenas citam o nome do poeta. Assim, a maior parte das informações disponíveis sobre Quinto é conjecturada a partir do que as *Pós-Homéricas* (no grego, τὰ μεθ' Ὀμηρον) revelam, sobretudo nas passagens do Livro VI 531-537, XII 306-313 e XIII 336-341. Desse modo, é aceito comumente pelos estudiosos modernos que o poeta teria vivido no Período Imperial, entre o século III e IV d.C. Segundo Vargas (2004:12), Quinto seria um instruído leitor formado em bibliotecas e escolas, onde pôde ter acesso aos grandes escritores da tradição literária anterior e, a partir deles, compor sua própria obra. Querendo se inserir na tradição épica, as *Pós-Homéricas* são um poema extenso, com aproximadamente 8.800 versos divididos em 14 livros, que se incorporam ao legado literário a respeito da história da guerra troiana. A narrativa especificamente preenche a lacuna cronológica entre a *Ilíada* e a *Odisseia* ao retratar os acontecimentos que levaram à queda de Troia desde o funeral de Heitor até a partida dos guerreiros aqueus, apresentando assim uma assimilação mais próxima o possível da língua, estilo e métrica do modelo épico canônico.

Na *Poética*, Aristóteles destaca Homero como uma referência textual digna de louvor, sendo um criador dos elementos compositivos do gênero épico e distinguido pela sua excelência ao tratamento da matéria, unidade de ação e na capacidade poética de imitar segundo os meios, os objetos e os modos. As obras homéricas transcendem os séculos como fontes literárias entre os mais variados gêneros e períodos históricos, tornando-se objeto de emulação e investigação. Todavia a reprodução ou citação trivial de Homero não propicia qualidade na composição, ao contrário, pode ser alvo de críticas negativas e até de condenação da obra por seus leitores e pesquisadores. Nesse sentido, o poema de Quinto por muitos séculos teve uma repercussão inicialmente

modesta e criticada negativamente por causa da temática tão recorrente e, em alguns casos, foi qualificado como uma composição deficiente ao ser comparada com o modelo homérico, de modo que são escassos os estudos e traduções até o século XX - contabilizando cerca de onze traduções completas da obra até esse período, segundo James & Lee (2000:1). Deve-se, contudo, questionar: até que ponto a produção textual de Quinto converge com as epopeias homéricas, tendo ele toda a influência da tradição literária grega e latina anterior? As *Pós-Homéricas* devem ser analisadas como uma mera exibição técnica, buscando reproduzir seu modelo, ou como expressão artística de um poeta sob o Império Romano, revelando um poema audacioso e, por que não, admirável?

Decerto é inegável que haja divergências de recursos estilísticos, linguísticos, recriações ou inovações dentro do fazer mimético de Quinto<sup>1</sup>, visto que ele se encontra afastado por muitos séculos de Homero e é influenciado pelo seu contexto histórico e instrução múltipla<sup>2</sup>. Contudo, como destaca James & Lee (2000:1), as *Pós-Homéricas* não apresentam graves problemas quanto à linguagem e ao estilo do seu modelo, e Quinto de Esmirna revelou ser um competente estudante da elocução homérica. Diante dessas características, a crítica moderna tem dado mais atenção ao poeta do Período Imperial, investigando as alusões ao grande compilado de diferentes gêneros e épocas da literatura e as peculiaridades presentes nas *Pós-Homéricas*.

A epopeia de Quinto tem a clara intenção de estabelecer um elo entre as obras homéricas e, por consequência, não apresenta uma unidade de ação tal qual seu modelo épico, porém relata um tempo único a partir da seleção de episódios que sucedem o final da guerra de Troia. Sendo assim, as *Pós-Homéricas* contemplam alguns dos eventos narrados pelos poemas cíclicos, os quais não chegaram até nós preservados, estabelecendo assim uma conexão temática e estrutural com o Ciclo Épico. Desse modo, cada livro apresenta uma micro-história relativamente autônoma que se interliga uma à

---

<sup>1</sup> Cf. Garcia Romero. 1989. *Las glosas homéricas en Quinto de Esmirna. Unas notas sobre Calímaco y Quinto a propósito de ES IPPON KETOENTA (QS XII 314)*; Maciver. 2012. *Quintus Smyrnaeus' "Posthomerica": Engaging Homer in Late Antiquity*.

<sup>2</sup> Cf. Vian.1959. *Recherches sur les Posthomerica de Quintus de Smyrne*.

outra pela sequência dos acontecimentos, pela cronologia e, de modo mais superficial, pelo contexto bélico em torno da família Eácida. Não se sabe ao certo o quanto Quinto teve acesso a essas composições, já que possivelmente teve apenas um contato indireto, pois os poemas cíclicos aparentemente tinham desaparecido no século II d.C. Diante disso, deve-se indagar: será que Quinto queria substituir as narrativas do Ciclo Épico perdidas quando compôs? De que fonte Quinto retirou seu material, se houver como pressuposto seu acesso indireto aos poemas cíclicos? O que se conjectura é que as *Pós-Homéricas* garantiram a preservação ao terem sido incorporadas no *corpus* homérico pelos comentadores bizantinos como referência para os poemas cíclicos desaparecidos. Entretanto, seria simplista definir a obra de Quinto meramente como uma remodelagem da tradição literária anterior, pois há marcas de originalidade e independência poética. Dessa maneira, compreender as *Pós-Homéricas* não se reduz à comparação apenas com o modelo homérico, mas deve ser analisada como um projeto literário híbrido, ou seja, modelado pelo cruzamento de diversas obras e autores distintos, a fim de constituir um texto que difere daqueles que o influenciaram na sua composição ao mesmo tempo em que se insere na tradição épica.

### **I. A estrutura narrativa das *Pós-Homéricas*.**

A matéria do poema de Quinto de Esmirna não é esclarecida a partir do título que lhe foi dado (*τὰ μεθ' Ὀμηρον*, em uma tradução mais literal, “As coisas depois de Homero”), pois não relata os assuntos advindos depois das obras homéricas, mas, ao contrário, está situada entre a *Ilíada* e a *Odisseia* de modo a preencher a lacuna cronológica e criar um elo entre esses poemas. Por consequência disso, as *Pós-Homéricas* não são uma epopeia autônoma, em outras palavras, que podem ser lidas isoladas, como as *Dionisíacas* de Nono, por exemplo, pois é dependente do que fora narrado, essencialmente, na *Ilíada*. Boyten (2010:13) acrescenta que o poema se acomoda confortavelmente ao lado das obras de Homero, e até poderia pensar nele

quase como uma terceira epopeia homérica, podendo pressupor, assim, que há uma intenção poética em Quinto de ser um sucessor de Homero. Para tanto, Quinto faz numerosos usos das técnicas de composição presentes na épica canônica, desde o uso de vocabulários e fórmulas homéricas até a retomada de cenas típicas do gênero<sup>3</sup>, como batalhas, funerais, embaixadas, deliberações na terra ou no Olimpo, etc. É preciso ressaltar que Quinto não manteve uma relação subserviente com o paradigma épico, pois o poema rompe com seu modelo e insere artifícios inusitados ao gênero utilizado. Em vista disso, F. Vian (1963:xxvii) declara que o poeta expressa crenças ideológicas através da boca dos personagens e do narrador e, além disso, explora as possibilidades nas caracterizações dos heróis, em que cada guerreiro - protagonista dentro de cada micro-história narrada nas *Pós-Homéricas* - é destacado pelo modo como aplica o código de conduta heroica, havendo um julgamento sobre sua atitude dentro da epopeia<sup>4</sup>.

É possível, portanto, pensar nas *Pós-Homéricas* como um projeto literário que objetiva estabelecer-se entre as epopeias homéricas, não estranhando a ausência de um próêmio no início do poema, que começa *ex abrupto*. Os últimos versos do canto XXIV da *Ilíada* (799- 804) relatam os feitos finais do funeral de Heitor e o pesar entre os troianos por causa da dura perda, como se observa na leitura abaixo de tal trecho:

ρίμφα δὲ σῆμ' ἔχεαν, περὶ δὲ σκοποὶ ἦατο πάντα,  
μὴ πρὶν ἐφορμηθεῖεν εὐκνήμιδες Ἀχαιοί.  
χεύαντες δὲ τὸ σῆμα πάλιν κίον: αὐτὰρ ἔπειτα  
εὖ συναγειρόμενοι δαίνυντ' ἔρικυδέα δαῖτα  
δώμασιν ἐν Πριάμοιο διοτρεφέος βασιλῆος.

800

<sup>3</sup> Cf. Vian 1963: xxvii; Boyten 2010:13.

<sup>4</sup> Cf. Tine Scheijinen. 2016. Facing Achilles in two lessons, heroic characterization in Quintus of Smyrna, *Posthomerica 1 and 2*.

Sobrepondo-lhe terra, à pressa, erguem um túmulo.

Guardas, em torno, sentam-se, temendo assalto

800

dos Aqueus, belas-cnêmides. Ereta a tumba,

voltaram, num banquete pomposo reunindo-se,

no solar do rei Príamo, progênie-de-Zeus.

Deram exéquias de honra a Héctor, doma-corcéis.<sup>5</sup>

Dessa maneira, visando estabelecer uma conexão com Homero, os primeiros quatro versos do Livro I das *Pós-Homéricas*, citados a seguir, narram os acontecimentos imediatamente posteriores à última cena da *Ilíada*, atando ambas as epopeias como se fossem uma narrativa contínua.

Εὔθ' ὑπὸ Πηλείωνι δάμη θεοεἰκελος Ἴκτωρ  
καὶ ἐ πυρὴ κατέδαψε καὶ ὀστέα γαῖα κεκεύθει,  
δὴ τότε Τρῶες ἔμμνον ἀνὰ Πριάμοιο πόλῃα  
δειδιότες μένος ἢ ἠὲ θρασύφρονος Αἰακίδαο·

Uma vez que Heitor, semelhante aos deuses, foi subjugado pelo Pelida

e a pira devorou-o e a terra tinha coberto seus ossos,

então os troianos permaneceram na cidade de Príamo,

temendo a valente cólera do Eácida de audaz espírito;

(*PH. I, 1-4*)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Ilíada* XXIV, 799- 804. Tradução de Haroldo de Campos.

Como as *Pós-Homéricas* retratam os eventos finais da guerra troiana, há mais referências à *Ilíada* que à *Odisseia*. Os versos finais do Livro XIV servem, no entanto, de transição da obra de Quinto à de Homero ao aludir ao destino de Odisseu (*PH.* IV 628-631) e ao relatar a terrível tempestade que se abateu sobre as naus dos vitoriosos guerreiros na viagem de retorno (*PH.* XIV 655-658). Veja, abaixo, as passagens<sup>7</sup> citadas:

[...] Αὐτὰρ Ἀθήνη  
ἄλλοτε μὲν <θυμῶ> μέγ' ἐγήθεεν, ἄλλοτε δ' αὖτε  
ἄχλυτ' Ὀδυσσεῖος πινυτόφρονος, οὐνεκ' ἔμελλε 630  
πάσχειν ἄλγεα πολλὰ Ποσειδάωνος ὀμοκλή·

[...] Entretanto Atena,  
ora alegrava-se em seu coração, ora por outro lado  
afligia-se por Odisseu, de mente prudente, porque há 630  
de padecer muitas dores devido à exortação de Poseidon.  
(*PH.* XIV 628-631)

\*

[...] οἱ δ' ἐνὶ νηυσὶν 655  
Ἀργεῖοι πλώεσκον ὅσους διὰ χειῖμα κέδασσεν·  
ἄλλη δ' ἄλλος ἴκανεν, ὅπη θεὸς ἦγεν ἕκαστον,  
ὅσσοι ὑπὲρ πόντοιο λυγρὰς ὑπάλυξαν ἀέλλας.

---

<sup>6</sup> Tradução própria.

<sup>7</sup> Tradução própria.

[...] e nos seus navios 655

os argivos remavam, os quais a tempestade espalhou:

cada um ia por um lado, por onde um deus guiava cada um,

tantos quantos sobre o mar escaparam da deplorável ventania.

(*PH.* XIV 655- 658)

De modo mais singelo, há outra rápida referência à *Odisseia*<sup>8</sup> dentro das *Pós-Homéricas* em uma passagem do Livro VIII (122-127), que menciona – em uma espécie de profecia - como o último guerreiro, chamado Antifo, será vítima do Ciclope (*Od.* II 17-20).

Conforme foi mencionado, as *Pós-Homéricas* não são uma epopeia independente por ter uma estrutura narrativa que entrelaça as obras homéricas e, por consequência, não apresenta uma unidade de ação tal qual seu modelo épico, pois relata uma seleção de episódios que sucedem o final da guerra de Troia dentro de um tempo específico. Segundo o que Aristóteles expõe na *Poética* (1459b), outros poetas construíram seus poemas a respeito de uma pessoa ou de uma época, ou então de ação com muitas partes que impedem a unidade do enredo, podendo observar esses aspectos nos autores, por exemplo, dos *Cantos Cíprios* e da *Pequena Ilíada*. Todavia, quem compõe um poema épico de tal modo é alvo de crítica para o filósofo grego. Além disso, a poesia épica não deve ser comparável às narrativas históricas, as quais não tratam de uma única ação, mas sim de um tempo específico com todos os eventos e/ou personagens que pertencem ao período<sup>9</sup>.

Portanto, as *Pós-Homéricas*, no que se referem à sua estrutura narrativa, distanciam-se da poesia homérica, considerada como exemplo admirável para Aristóteles de composição em torno de uma ação una. No entanto, o

---

<sup>8</sup> Cf. Vian 1963:xxv.

<sup>9</sup> *Poética*,1459a.



poema de Quinto concilia-se com os poemas do *Ciclo Épico* tanto na escolha da matéria narrada quanto na forma como

Εὐρύπυλος δ' ἐτάροιο χολωσάμενος κταμένοιο  
Ἀντίφω αἴψ' ἐπόρουσεν· ὁ δ' ἔκφυγε ποσσὶ θοοῖσιν  
ἐς πληθὺν ἐτάρων· κρατερόν δέ μιν οὐ τι δάμασσε  
ἔγχος Τηλεφίδαο δαΐφρονος, οὐνεκ' ἔμελλεν  
ἀργαλέως ὀλέσθαι ὑπ' ἀνδροφόνοιο Κύκλωπος  
ὔστερον· ὣς γάρ που στυγερῆ ἐπιήνδανε Μοίρη. 125

E Eurípilo, encolerizado por causa do companheiro morto,  
 imediatamente se lança sobre Antifo; ele escapa com pés ágeis  
 para a multidão dos seus companheiros; e não o subjugou  
 com o poderoso dardo do corajoso Teléfida, porque há 125  
 de perecer terrivelmente mais tarde pelas mãos  
 do homicida Ciclope: pois assim agrada à odiosa Moira.

(PH. VIII 122-127)<sup>10</sup>

sua obra é apresentada, pois cada livro retrata uma micro-história relativamente autônoma que se interliga às demais pela sequência dos acontecimentos, pela cronologia e, de modo mais superficial, pelo contexto bélico em torno da família Eácida.

A epopeia de Quinto é estruturada da seguinte forma:

Livro I: A narrativa pode ser dividida em três eventos principais: a recepção de um novo guerreiro, a batalha por ele travada e a sua morte. No primeiro Livro, Pentésiléia aparece para amparar os troianos na guerra, porém acaba sendo morta por Aquiles, encerrando o episódio com o funeral da amazona;

<sup>10</sup> Tradução própria.

Livro II: A composição é análoga ao Livro I, retratando a chegada do guerreiro Mêmnon ao acampamento troiano, porém ele é morto também pelas mãos de Aquiles, finalizando a narrativa com o seu funeral;

Livro III: O terceiro Livro cria também um paralelo com os dois primeiros episódios, contudo são os aqueus que sofrem uma grande perda advinda da morte de Aquiles por Paris. O desfecho dessa narrativa é retratado pelos lamentos e funeral do guerreiro Eácida;

Livro IV: A narrativa bélica é interrompida e concentra-se no tema dos jogos fúnebres em honra ao herói Aquiles;

Livro V: Sendo uma sequência dos acontecimentos dos livros anteriores, a deusa Tétis presenteará o guerreiro que salvou o corpo do filho entregando as armas divinas feitas por Hefesto. O episódio é conhecido como o “Julgamento das Armas”, pois Odisseu e Ájax pleiteiam a posse do prêmio e, ao mesmo tempo, o título de melhor guerreiro;

Livro VI: A narrativa retorna aos eventos bélicos, apresentando a chegada do guerreiro Eurípilo para apoiar os troianos, vencendo em suas lutas contra os aqueus;

Livro VII: Neoptólemo, filho de Aquiles, ingressa ao campo de batalha ao lado dos aqueus. Ele é equiparado ao seu pai por ter uma grande força, tornando-se um apoio importante para os aqueus;

Livro VIII: A história abrange, de modo geral, uma grande batalha que é encerrada com a morte de Eurípilo pelas mãos de Neoptólemo;

Livro IX: O nono Livro retrata a ida da embaixada a Lemnos para trazer Filoctetes de volta ao campo de batalha para auxiliar os aqueus;

Livro X: A narrativa, sobretudo, concentra-se na morte de Paris pelas mãos de Filoctetes e os lamentos fúnebres pelo seu destino;

Livro XI: A história relata as façanhas de Eneias que prejudicam os aqueus, tornando-os incapazes de agir, havendo a necessidade de se criar um plano mais elaborado de ataque contra os troianos;

Livro XII: Por consequência do impasse dos aqueus na batalha, é concebido e executado o plano do “Cavalo de Madeira”, a fim de que os aqueus possam adentrar os portões da cidadela escondidos. A narrativa caminha para os acontecimentos finais da guerra;

Livro XIII: O episódio é intitulado como “O saque de Troia”, narrando a carnificina das últimas batalhas da guerra e o incêndio da cidade fortificada;

Livro XIV: O último Livro descreve os eventos decorrentes da queda de Troia e a volta dos aqueus para suas pátrias.

Em vista disso exposto, as *Pós-Homéricas* revelam uma afinidade temática com o conjunto de poemas épicos arcaicos pertencentes ao denominado *Ciclo Épico*, composto possivelmente depois de Homero<sup>11</sup>. Mais especificamente, há uma associação com os seis poemas que correspondem ao ciclo troiano, além das obras homéricas que são inseridas dentro desse contexto literário. As narrativas do Ciclo Troiano<sup>12</sup> são discriminadas em sua ordem cronológica como: *Cípria*, *Ilíada*, *Etiópicas*, *Pequena Ilíada*, *Saque de Troia*, *Retornos*, *Odisseia* e *Telegonia*.

Os primeiros quatro Livros das *Pós-Homéricas* equiparam-se com o poema *Etíope*; do quinto até o décimo segundo Livro há uma associação com a narrativa da *Pequena Ilíada*; o Livro XIII assemelha-se com a obra *Saque de Troia* e, por fim, o último Livro abarca a temática do poema *Retornos*.

Embora haja essas aparentes simetrias entre a obra de Quinto e os poemas do Ciclo Troiano, Vian (1959:87-94) ressalta que as *Pós-Homéricas* não são uma reedição simplificada e unificada que busca reescrever as composições antigas, pois é possível observar na obra de Quinto disparidades<sup>13</sup> em relação ao que conhecemos dos

---

<sup>11</sup> “The only detailed information about the scope of the Epic Cycle is derived from a lost treatise by one Proclus, who probably wrote in the second century CE.” West 2013:1.

<sup>12</sup> Para saber mais sobre o conteúdo das obras do ciclo troiano e seus autores, cf. West (2013): *Cípria*, p.55-128; *Etíope*, p.129-162; *Pequena Ilíada*, p.163-222; *Saque de Troia*, p.223-243; *Retornos*, p.244-287; *Telegonia*, p.288-306; ou então, cf. Davies (2001): *Cípria*, p.32-50; *Etíope*, p.51-59; *Pequena Ilíada*, p.60-70; *Saque de Troia*, p.71-76; *Retornos*, p.77-83; *Telegonia*, p.84-91. Ademais, há ainda o estudo pertinente de Monro (1884): *Cípria*, p.6-11; *Etíope*, p.11-18; *Pequena Ilíada*, p.18-27; *Saque de Troia*, p.27-36; *Retornos*, p.36-40; *Telegonia*, p.40-4.

<sup>13</sup> Cf. Vian 1963:xxvi.

poemas cíclicos a partir dos escassos fragmentos e resumos de Proclo. Assim detalha James (2004: xx):

[...] His narrative differs substantially from those of the Little Iliad and the Sack of Ilion as known to us from their summaries. Unlike the Little Iliad Quintus places the arrivals of Eurypylos and Neoptolemos before the return of Philoktetes and the death of Paris; unlike the Sack of Ilion he places the intervention of Laokoon before the entry of the wooden horse into Troy, and the departure of Aineias not immediately after these but later, during the night of Troy's destruction. It is arguably less likely that Quintus would have departed so far from the epics he sought to replace if they had been available to him.

Não se sabe ao certo o quanto Quinto teve acesso às composições do *Ciclo Épico* no século III d.C. Possivelmente dispôs apenas de um contato indireto, já que a escassez de papiros contendo os poemas cíclicos sugere que não haveria uma grande circulação de tais obras durante o período romano<sup>14</sup>. No século II d.C., Proclo ainda atesta a conservação desses poemas, embora fossem depreciados em seu tempo. Ademais, há especulações de que Pisandro de Laranda compôs um longo poema, intitulado *Heroikai Theogamiai*, retratando a extensa cronologia sobre a mitologia grega durante o império de Alexandre Severo (222-235 d.C.), servindo de uma obra substituta para os poemas cíclicos desaparecidos<sup>15</sup>. James (2004:xx) inclusive considera que o desaparecimento dos poemas do *Ciclo Épico*, e também de outras obras, pode ser vinculado à destruição da grande biblioteca e do museu em Alexandria, no ano de 272 d.C. Sánchez Hernández (2008:274), contudo, sugere que o terremoto ocorrido em 178 d.C. na região de Esmirna teria sido uma das causas para o desaparecimento dos poemas cíclicos como fonte direta para a composição das *Pós-Homéricas*.

Embora as conjecturas sobre o desaparecimento ou não dos poemas cíclicos no século III d.C. não tenham uma resposta definitiva, é certo que Quinto conhece os materiais do *Ciclo Épico* e, de fato, é reconhecido que as *Pós-Homéricas* integram uma

---

<sup>14</sup> Cf. Boyten 2010:17.

<sup>15</sup> Cf. Vian 1963: xxiv; James 2004: xix-xx.

sequência de *λόγοι*, ou melhor, de *ἱστορίαι* que se interligam formando um todo, podendo cada uma ser lida de maneira mais ou menos independente tal qual as composições cíclicas. Todavia não se deve categorizar a obra de Quinto como meramente uma substituição dos poemas perdidos, mesmo que os comentadores bizantinos tenham conservado as *Pós-Homéricas* dentro do *corpus* homérico como uma referência ao *Ciclo Épico*, provavelmente conforme a transmissão literária a que eles tiveram acesso, mas não chegou até nós. Contudo é pressuposto que a obra tenha garantido sua sobrevivência ao longo dos séculos por causa dessa submissão<sup>16</sup>. A intenção poética de Quinto pode ser entendida, sobretudo, em seu projeto literário de estabelecer um elo entre as obras homéricas. Para tanto, ele multiplica as referências aos eventos presentes na *Iliada* por meio de digressões, alusões indiretas ou até reproduções de uma mesma cena, como a écfrase do escudo de Aquiles (*PH* V 5-120). Entretanto é importante considerar que Quinto, como um homem erudito, tivesse acesso a numerosas e variadas obras de modo que há recorrentes modelos utilizados pelo poeta para compor seu próprio poema. Com isso, as *Pós-Homéricas* exibem uma temática que já fora tratada também por outros gêneros literários, como a tragédia grega, com a qual Quinto deveria ter bastante proximidade. Portanto, seria possível correlacionar igualmente as *Pós-Homéricas* com as peças de Eurípides (*Troianas*, *Hécuba*, *Suplicantes* e *Fenícias*) e Sófocles (*Ájax* e *Filoctetes*)<sup>17</sup>.

Como conclusão, é perceptível que as *Pós-Homéricas* manifestam um copilado de influências da tradição literária anterior, e que Quinto de Esmirna revela um estudo e conscientização poética para compor sua própria epopeia durante o período romano. Dessa maneira, a obra pode ser compreendida como um produto híbrido literário, ou seja, formada pelo cruzamento de diversas obras e autores, sendo destinada a um leitor altamente educado. Embora Quinto quisesse equiparar ao modelo épico canônico, a estrutura narrativa das *Pós-Homéricas* diverge daquilo que se esperaria para

---

<sup>16</sup> Cf. Vian 1963: xxv.

<sup>17</sup> Acredita-se também que há uma influência das peças *Escirios*, *Etíopes* e *Laocoonte* de Sófocles; *Mêmnon* e *Psychostásia* de Ésquilo e a tragédia *Filoctetes* de Sófocles. Entretanto os conhecimentos acerca dessas tragédias são precários pela falta de material. Cf. Vargas 2004: 24.

quem se propõe a ser “como Homero”. Todavia não significa que seja uma obra desqualificada, pois revela uma composição capaz de conectar-se à tradição literária épica arcaica, dando uma visão completa dos eventos da guerra e retomando a versão homérica, de modo a ser usada como referência dos textos já perdidos ao longo dos séculos, como os poemas cíclicos.

## Referências

- ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. Brandão, Roberto de Oliveira (intr). Bruna, Jaime (trad). *A poética clássica*. 12. ed.. São Paulo, Cultrix, 2005. 114 p.
- BAUMBACH, M.; BÄR, S. *Quintus Smyrnaeus: Transforming Homer in Second Sophistic epic*. Walter de Gruyter: Berlin, 2007. <https://doi.org/10.1515/9783110942507>
- BOYTEN, B. *Epic Journeys: Studies in the reception of the Hero and Heroism in Quintus Smyrnaeus' "Posthomerica"*. A thesis submitted to University College London For the degree of Doctor of Philosophy, 2010.
- CAMPOS, H. *Iliada*. V. I e II. São Paulo: Arx, 2003.
- DAVIES, M. *Greek Epic Cycle*. England: Briston Classical Paperbacks, 2001.
- HÉRNADEZ, J. P. S. Dos notas a Quinto de Esmirna. *Habis* 39, 2008, 267-274.
- HESÍODO. Werner, Christian (org) (trad). *Teogonia*. São Paulo, Hedra, 2013. 103 p. Bolso Hedra.
- JAMES, A. W. *Quintus of Smyrna: The Trojan Epic "Posthomerica"*. Quintus of Smyrna. Translated and edited by Alan James. The Johns Hopkins University Press, 2004. <https://doi.org/10.1163/9789004351110>
- JAMES, A. W. & LEE, K. H. *A commentary on Quintus of Smyrna, "Posthomerica" V*. (Mnemosyne Suppl. 208). Leiden: Brill, 2000. <https://doi.org/10.1163/9789004351110>
- MANSUR, M. Wh. *The treatment of Homeric characters by Quintus of Smyrna*. Nueva York, 1940.

MONRO, D. B. The poems of the epic cycle. *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 5, 1884 1-41. <https://doi.org/10.2307/623691>

ROMERO, F. A. G. *Quinto de Esmirna. "Phostoméricas"*. Madrid, 1997.

\_\_\_\_\_ Las glosas homericas en Quinto de Esmirna. Unas notas sobre Calimaco y Quinto a proposito de "es hippon kêtœenta (QS XII 314). *Habis* 20, 1989, 33-36.

SCHEIJINEN, TINE. Facing Achilles in two lessons, heroic characterization in Quintus of Smyrna, Posthomeric 1 and 2. *Les Etudes Classiques* 84, 2016, 81-104.

VARGAS, M. T. *Quinto de Esmirna. "Posthoméricas"*. Introd., trad. y notas. Madrid: Gredos, 2004 (Biblioteca clasica Gredos 327). 542 pp.

VIAN, Francis. *Quintus de Smyrne, "La suite d' Homère"*. Texte établi et traduit par V.F. Paris: Les Belles Lettres (Collection des universités de France). Tome I: Livres I-IV (1963); lvi, 182 pp. Tome II: Livres V-IX (1966); 226 pp. Tome III: Livres X-XIV (1969); 282 pp. (all partly w. duplicate pagination).

\_\_\_\_\_ *Recherches sur les "Posthomeric" de Quintus de Smyrne*. Paris, 1984

VIEIRA, T. *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

WAY, A. S. *Quintus Smyrnaeus, The fall of Troy*. Edited with an English translation by A.S.W. London: Heinemann & New York: Macmillan, 1913 (Loeb Classical Library 19). xi, 627 pp. Owen, CR 1914, 97.

WEST, M. L. *The epic cycle. A Commentary on the Lost Troy Epics*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013.

<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199662258.001.0001>

Data de registro: 23/05/2017

Data de aceite: 06/06/2017